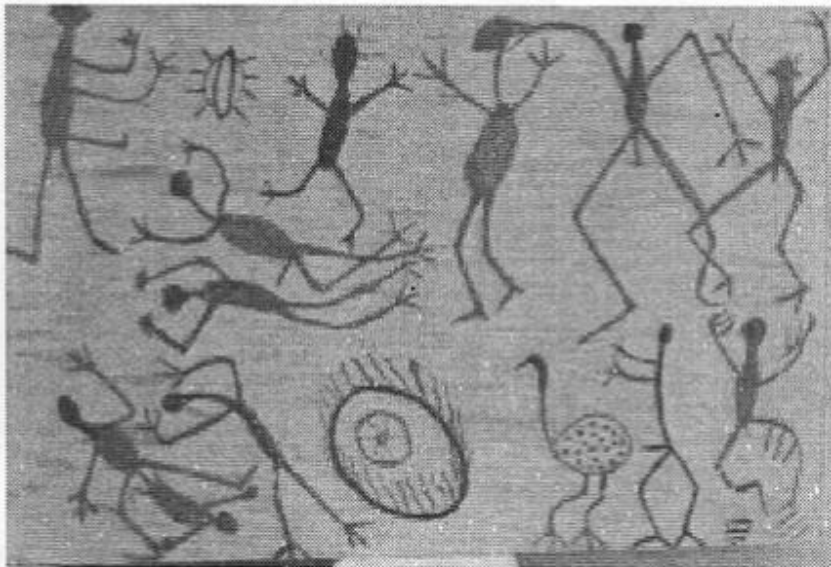


TRANS

Departamento de Educação - Núcleo de Investigações Transdisciplinares
Ano III - número 07 - Janeiro a Junho/2003 - UEFS-BA

Como vejo o mundo



Carlos Castro Cruz

O mistério da vida me causa a mais forte emoção. É o sentimento que suscita a beleza e a verdade, cria a arte e a ciência. Se alguém não conhece esta sensação ou não pode mais experimentar espanto ou surpresa, já é um morto-vivo e seus olhos se cegaram. Aureolada de temor, é a realidade secreta do mistério que constitui também a religião. Homens reconhecem então algo de impenetrável em suas inteligências, conhecem porém as manifestações desta ordem suprema e da Beleza inalterável. Homens se confessam limitados e seu espírito não pode apreender esta perfeição.

(...) Não me canso de contemplar o mistério da eternidade da vida. Tenho uma intuição da extraordinária construção do ser. Mesmo que o esforço para compreendê-lo fique sempre desproporcionado, vejo a Razão se manifestar na vida (...).

Não basta ensinar ao homem uma especialidade. Porque se tornará assim uma máquina utilizável, mas não uma personalidade. É necessário que adquira um sentimento, um senso prático daquilo que vale a pena ser empreendido, daquilo que é belo, do que é moralmente correto.

(...) Os excessos do sistema de competição e de especialização prematura, sob o falacioso pretexto de eficácia, assassinam o espírito, impossibilitam qualquer vida cultural e chegam a suprimir os progressos nas ciências do futuro. É preciso, enfim, tendo em vista a realização de uma educação perfeita, desenvolver o espírito crítico na inteligência do jovem. Ora, a sobrecarga do espírito pelo sistema de notas entrava e necessariamente transforma a pesquisa em superficialidade e falta de cultura. O ensino deveria ser assim: quem o recebe o recolha como um dom inestimável, mas nunca como uma obrigação penosa.

Do livro "Como Vejo o mundo"
de Albert Einstein

Editorial

Eis o número 07 do TRANS tentando proporcionar algumas reflexões/meditações acerca de temáticas múltiplas e de de-leituras poéticas com os poemas publicados.

No texto "Filosofia do encantamento", o autor tece reflexões sobre a Filosofia imersa nos territórios da cultura (em sua diversidade) em que o "Olhar encantado re-cria o mundo" e o "encantamento é uma atitude frente do mundo". realçando essa perspectiva nas tradições africanas e indígenas.

Em "Rousseau, Freire e a liberdade", o autor apresenta contribuições que interligam Paulo Freire e Rousseau com acento no tema da Liberdade, apontando para a perspectiva humana do "sonho e da utopia" e de uma "Educação libertadora".

No texto "Conhecimento científico, derivas e metamorfoses", a autora trata da Ciência como conhecimento aberto, provisório e inacabado tecendo críticas às posturas reducionistas e fragmentadoras sobre a mesma considerando-a como "Uma leitura do mundo parcial e como meia-verdade".

Na Carta da Terra eclode o grito dos povos do planeta em defesa da Terra-Mãe.

No texto "Arte e Educação" a autora trata da importância da Arte no processo educativo.

Em "A ideologia no processo educativo" a autora aborda a presença da ideologia, em suas diversas perspectivas, na ação educativa.

No texto "O pensamento reflexivo na educação" a autora tece reflexões acerca da importância da Filosofia como pensamento crítico e reflexivo na Educação.

Expediente

Comissão Editorial
 Adrianna Ressurreição
 Adriano Eysen
 Dayse Lôbo
 Jamile França
 Miguel Almir (coord.)

Desenhos
 Jamile França
 Carlos Castro Cruz

Editoração Eletrônica
 Evandro Vaz

Impressão
 Gráfica Universitária - UEFS

Contatos
 E-mail: malmir@uol.com.br

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE
 FEIRA DE SANTANA

Reitor
 José Onofre Gurjão B. da Cunha
 Diretor do Departamento de Educação
 André Luiz B. Nascimento

Coordenador do NIT
 Miguel Almir L. de Araújo

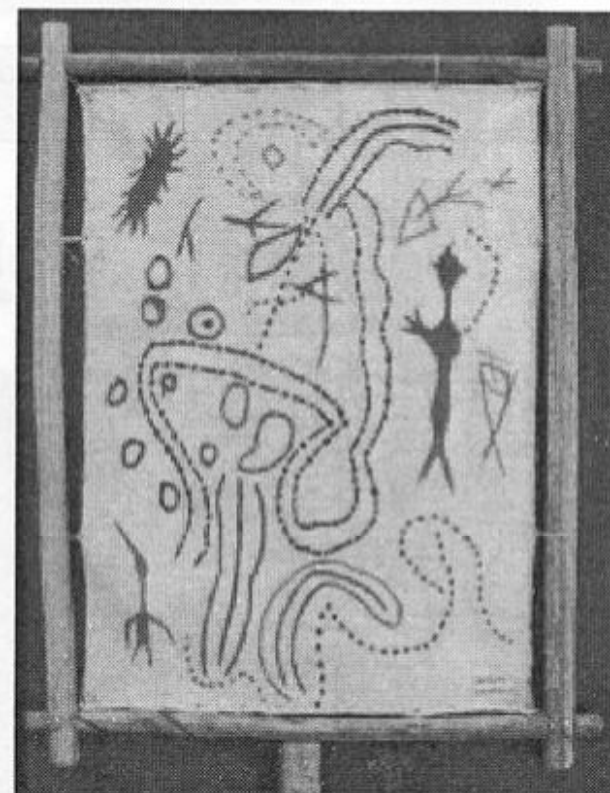
Informes

V SÃO JOÃO DA UEFS

No dia 06 de junho, foi realizado, no Parque Esportivo da UEFS, o V São João da UEFS. Houve apresentações de folguedos juninos como: quadrilha, bumba-meu-boi, quebra-pote, casamento caipira e o tradicional forró pé-de-serra.

Este grande encontro teve o objetivo de proporcionar uma celebração prazenteira da folia de São João com a comunidade; contribuir para a afirmação e a revitalização das raízes culturais de nossos sertões; e realçar os sentimentos primordiais da celebração do São João.

O evento foi organizado pelo NIT e contou com o apoio do GERART - DEDU/UEFS.



Carlos Castro Cruz

CADERNO DE EDUCAÇÃO

No dia 14 de abril de 2003, no MT 54/UEFS, aconteceu o lançamento do Caderno de Educação, nº 05. Durante o lançamento ocorreram diversas apresentações, como recital de poesias

e músicas. Houve ainda um momento de prosa com os autores, onde estes relataram suas caminhadas na construção de seus artigos.

Carlos Castro Cruz



SEMINÁRIO "NOVO MILÊNIO..."

Aconteceu nos dias 26 e 27 de março deste ano, o Seminário "Novo Milênio: Tempo de Religação e de Coexistência", que contou com a participação dos conferencistas/humanistas: Moacir Gadotti, Sandra Celano, Maria da Conceição Almeida e José Antônio Saja. As palestras trouxeram relevantes contribuições para o seminário, que aconteceu na UEFS. O evento foi realizado pelo NIT, NUFOP, COLPED/DEDU.

Além das palestras, o evento contou com momentos vivenciais e apresentações artísticas.

Artigos

Conhecimento científico, derivas e metamorfose

Maria da Conceição Xavier de Almeida*

MEIAS VERDADES

Desde que nascemos, temos escutado, aprendido e vivenciado tudo de forma parcial, pela metade. Nada de estranho nisso, uma vez que a incompletude, o inacabamento, a parcialidade, e a falta parasitam e constituem a condição humana. Nisso reside a tragédia e a aventura do viver que são também, para Edgar Morin, a tragédia e a aventura do conhecer. Ao lado da procura do sentido, do "por quê", do "como funciona", do "onde começou", caminham respostas provisórias e prováveis, mas nunca respostas inequívocas, absolutamente satisfatórias, completas e incontestáveis. Em certa sintonia com a consciência do provisório e da parcialidade das explicações, o conhecimento científico tem se afastado cada vez mais da convicção de que o que dizemos, a partir das teorias e interpretações, corresponde à realidade tal qual ela é. Sabemos hoje, que uma tal convicção corresponde a confundir a descrição da realidade com ela própria. Desde 1901 essa ilusão da ciência ruiu, e foi Niels Bohr quem disse não ser possível afirmar "isto é assim", mas, "é isso que podemos dizer de tal ou qual fenômeno".

Desse modo, o que até o final do século XIX não era percebido com clareza ou não era enunciado pelos cientistas (talvez como condição mesma de resguardar a suposta verdade unitária das teorias) deve hoje, cada vez mais, ser anunciado, problematizado, explicitado e dito em alto e bom som: todo conhecimento sobre qualquer fenômeno é uma construção a partir de indícios, pistas, sinais. Conectados entre



Carlos Castro Cruz

si, segundo regras de proximidade, ressonância ou mesmo causalidades, esses indícios passam a construir, juntos, um tecido narrativo que oferece sentido ao fenômeno do qual fala, mas que, nem por isso é o próprio fenômeno, nem o substitui.

Além do mais, como o erro parasita a aptidão para conhecer, somos muitas vezes levados a fazer conexões entre indícios e pistas que nada tem entre si, atitude mental que resulta no que Umberto Eco chama de super interpretação. Sejam mais propriamente sociais ou mais estritamente físicos, os fenômenos, aos quais imputamos um sentido, estão sempre para além ou para aquém de sua descrição.

A esse respeito, inúmeras considerações e importantes desdobramentos têm constituído o campo das reflexões epistemológicas na ciência. E se a aspiração de abraçar a totalidade dessas reflexões equivale a um projeto fadado ao fracasso, podemos pelo menos identificar alguns dos limites

e armadilhas que cercam os atos de pensar e conhecer.

AS FRONTEIRAS DO BIOLÓGICO

Muitas vezes percebemos e pensamos o mundo pelo mecanismo mental da simplificação. Por vezes, nossa forma de pensar opera uma redução e nos fixamos em apenas um dos domínios do fenômeno do qual falamos.

A fragmentação disciplinar da ciência, isto é, a falta de comunicação entre o conhecimento dos especialistas, oferece excelentes exemplos a esse respeito. O cérebro humano foi muitas vezes descrito como um conjunto de mecanismos eletroquímicos. Outras vezes, e por outras lentes teóricas, foi reduzido a um operador da repetição de episódios arquetipais psíquicos arcaicos. Quanta redução da sociobiologia ao afirmar uma analogia desmedida entre nossa constituição genética e dinâmica da sociedade! Um biologismo exacerbado se fixou no determinismo do código genético, tatuado em nós, é verdade, mas esqueceu que a genética é também uma promessa que, a depender de múltiplos fatores, repetirá o padrão previsto ou inaugurará o percurso da deriva e da metamorfose. E isso, mesmo considerando as condições pré-bióticas que antecedem ao biológico propriamente dito, ou seja, ao domínio da vida.

Nada melhor para falar da deriva e da não repetição, do que o aparecimento da vida na Terra. A emergência da vida no planeta demonstra um "pouco de bifurcação", expressão de Ilya

Prigogine para falar da ocorrência de novos acontecimentos, da emergência de situações inaugurais. A idéia da configuração genética como uma promessa que conjuga determinismo, incerteza e probabilidade (sobretudo hoje, na era da bio-engenharia) abala os pilares de um biologismo fechado e enfraquece o pensamento redutor na área das ciências biológicas. Ao afirmar a provocativa hipótese do tênue limite entre o vivo e o não vivo, as pesquisas do médico e biofísico Henri Atlan se constituem uma verdadeira revolução copernicana nos estudos sobre a vida. “Contrariamente ao que se concebia antigamente, as fronteiras (entre o vivo e o não vivo) tendem a se apagar e é difícil decidir sobre o lugar onde devemos colocar uma barreira, ou mesmo se existiria alguma”. É evidente que o exercício para a superação de um biologismo fechado e redutor requer reativar a consciência de que “não viemos do mesmo, mas do outro”.

Essa consciência denominada de uma ferida narcísica por Sigmund Freud, um verdadeiro abalo sísmico na concepção da condição humana, expõe novamente sua cicatriz.

Agora sabemos que além de nos termos constituído pela deriva e bifurcação do “outro”, a vida que nos habita e constitui, surgiu do não vivo. Para Atlan, “não podemos mais aceitar a visão tradicional de uma barreira absoluta criando uma visão entre, de um lado, corpos puramente materiais e, de outro, corpos vivos e conscientes animados por uma alma imaterial”. Entretanto, como em todo momento de mudança paradigmática, a metamorfose do pensamento instituído não é fácil. E isso porque, diz Atlan, “a idéia secular que nós próprios fazemos do homem repousa precisamente sobre essa divisão”. Como poderíamos nós, sem enormes resistências, nos perceber em simbiose com o mundo das coisas não vivas, se ainda hoje usamos a expressão: os homens e os animais; quando era não ferir com o rigor deveríamos usar os homens e os outros animais?

FREUD DISSE, MARX DISSE, DARWIN DISSE

Mas não é só as ciências da vida que o pensamento opera por simplificação e redução. A biofobia, o horror a tudo que lembra o biológico, marcou durante muito tempo o conhecimento nas chamadas ciências humanas e sociais. Um sociologismo, um economicismo, um historicismo e um antropologismo primaram em explicar a cultura, a sociedade e a condição humana de forma cindida e esquisofrênica e quase sempre isolando o domínio biológico. Uma anatomia perversa esquartejou o sujeito: homo-economicus, faber, um produto do passado, um singular étnico, um autômato simbólico, uma entidade mítica. Essas fraturas e “determinações em última instância” desenharam um homem esquadrihado por territórios sem ligação, um sujeito disforme e mal remendado, uma colcha de retalhos com costura grossa. Ao se olhar refletido no espelho da ciência da fragmentação, um Frankenstein se deu conta do poder da palavra que cria a coisa e do castigo da decifração impossível que lhe foi imposto pela ciência. Quem sou: natural ou social? Individual ou coletivo? Mítico ou racional? Um ser de liberdade ou um escravo? Produto ou produtor? Um ser genérico ou singular? Um experimentador de quimeras e utopias ou uma ferramenta da razão? Inato ou adquirido?

Na trincheira das disjunções e oposições inconciliáveis (ou isso ou aquilo), só restava aos cientistas dos últimos séculos optar, operar por exclusão, secundarizar dimensões, principalizar outras, reduzir, reduzir... E, se para um Frankenstein, diante do seu espelho, essas escolhas foram impossíveis e enigmáticas, para o cientista, o demiurgo da criação do mundo pelas palavras, essas escolhas foram sendo feitas segundo expressões emblemáticas que sintetizam, lamentavelmente muito bem, uma parte da história da ciência: Freud disse, Marx disse, Piaget disse, Darwin disse, Morin disse, Paulo Freire disse...

SERÁ?

Será que Freud, Durkheim, Darwin, Piaget disseram com tanta ênfase argumentos que foram posteriormente cristalizados como metaexplicações? Por que a divisão entre um Marx humanista, outro economista, outro filósofo, outro historiador? Por que a separação entre o velho e o novo Marx? Entre o Marx das “Cartas à Índia” e o de “O Capital”? E ao Marx leitor de Balsac, como chamaremos? Como é possível que pensadores, que ultrapassaram seu tempo porque pensaram a cultura humana, puderam ser transformados em menores de receita sobre o mundo e o homem? Somente pela armadilha do pensamento redutor, armadilha que nos parasita a todos (na ciência e fora dela), foi possível operar certos equívocos, reduções e simplificações.

Tomar a parte pelo todo, separar a teoria da prática, o saber do fazer, o sujeito do objeto e o corpo da mente, são alguns desses equívocos cognitivos que acabaram por comprometer durante muito tempo nossa forma de entender o mundo e nós mesmos.

Certamente é possível acionar outros pólos cognitivos para conhecer e viver, para projetar e fazer acontecer formas de pensar e viver a condição humana. E se não é possível afastar por completo as armadilhas do pensamento redutor, assumamos o paradoxo do conhecimento humano sempre incerto, parcial, inacabado. Talvez assim a ciência se comprometa mais com o aqui e agora de que tanto fala Michel Maffesoli e abra mão do evangelho da salvação prometido para um futuro que nunca chega. Assumir a ciência como uma leitura do mundo parcial e como uma meia-verdade é um passo importante para alimentar o diálogo com outras meias-verdades contidas nas constelações de saberes outros, não científicos.

*Maria da Conceição de Almeida é professora da UFRN e coordenadora do GRECOM.

(Texto extraído do livro “Polifônicas Idéias”)

Filosofia do encantamento

Eduardo Oliveira*

É preciso recolocar a questão das essências. Não há dúvida que não há matérias que não sofrem a influência dos territórios culturais. Somos o que vemos. Vemos o que produzimos. Muito embora não possamos negar a realidade das coisas, as coisas não podem negar que são vistas senão pelos olhos da cultura. Não há nada que pode subtrair-se dos olhos da cultura. Agora, a cultura não pode subtrair-se de suas formas de expressão. As formas de expressão não são imateriais, muito menos seus modos de apreensão. Somos o que vemos e o que fazemos.

Somos também o que fomos. A cultura local não se furta da história mundial. Pensar em longos períodos de tempo é necessário para compreender a intensidade do tempo presente. Só é possível relativizar em curtos espaços de tempo. Em longas escalas de tempo pode-se perceber a maneira pela qual as formas culturais podem ser constituídas. Toda mudança ocorre num padrão de estabilidade. Nenhuma estabilidade se mantém sem o processo dinâmico das mudanças culturais.

Fora sempre um problema para a antropologia entender como se deram as mudanças culturais e, para a filosofia, o problema é compreender a diversidade alojada na unidade. Se a antropologia ocupou-se da diversidade e a filosofia da unidade, é necessário atentar para os processos de inversão, mas também os de reciprocidade. A reciprocidade, a lógica da dádiva é, então, absolutamente importante para a compreensão das vias de mão dupla das configurações das identidades étnicas que são solo de uma filosofia que mesmo que universal nasce e dialoga em primeiro lugar com o território identitário, num primeiro

instante, mas sobretudo com a forma que delineia este terreno identitário no sentido mais profundo, no plano de intensidade mais efetivo e efusivo.

As essências não são coisas. São as condições (culturais) para as coisas serem. As coisas são construtos dentro de determinadas balizas culturais que, outrora, chamaram estruturas e que, doravante, prefiro chamar de formas culturais. As formas culturais são construções civilizatórias que se originam das tradições. A tradição, no entanto, não é a história dos antigos. A tradição é só uma categoria capaz de



Carlos Castro Cruz

englobar os valores forjados por um povo. Agora, a tradição é dependente, para se expressar, das formas culturais existentes. Expressão é igual a existência. Só existe aquilo que se expressa. Mas a existência não é tudo! A existência também depende das condições para que ela possa se expressar. Esta forma de expressão só pode ser entendida a partir das formas culturais que, muito embora não exista como ente, existe como possibilidade do ente. Uma possibilidade de condição da criação do ente e de sua existência e que se comporte como forma cultural é o **encantamento**.

O olhar encantado não cria o mundo das coisas. O mundo das coisas é o já dado. O Olhar encantado re-cria o mundo. É uma matriz de diversidade dos mundos. Ele não inventa uma

ficção. Ele constrói mundos. É que cada olhar constrói seu mundo. Mas isso não é aleatório. Isso não se dá no nada. Dá-se no interior da forma cultural. O encantamento é uma atitude diante do mundo. É uma das formas culturais, e talvez uma das mais importantes, dos descendentes de africanos e de indígenas. O encantamento é uma atitude frente a vida. É do encantamento que nasce a filosofia africana. Roger Bastide só pode tornar-se uma autoridade nos estudos de candomblé porque passou pelo encantamento. Pierre Verger

passou pelo encantamento. Estrangeiros que para compreender esse mundo tiveram que tomar a forma cultural do grupo estudado, aí então, converteram-se. Talvez seja isso que Juana Elbeins dos Santos, Marco Aurélio Luz, dentre outros, batizaram de "de dentro".

O encantamento não é objeto de estudo como fosse uma coisa. Ele é a condição para submeter objetos de

estudo a uma pesquisa. A antropologia racionalizou a magia. O encantamento pode encantar a antropologia e fundamentar a filosofia. O encantamento é uma atitude. É da ordem do acontecimento. Por isso a filosofia do acontecimento pode entender o encantamento. Como atitude o encantamento está na ordem da escolha. A escolha não é infinita, mas também não se dá de maneira absoluta. Ela sempre dá-se dentro de uma forma cultural. É possível, entretanto, escolher outras formas culturais que não a nossa, muito embora, nossa forma cultural originária não nos abandone. Dá-se aqui um hibridismo de formas culturais. No mundo moderno, as fronteiras identitárias foram suplantadas. Quanto mais complexas as sociedades, mas

híbridas tendem a ser as formas culturais. As formas culturais, no entanto, não são relativizantes em excesso, pois como formas elas dão contorno aos conteúdos. O TAO, os hindús, dentre outros, já perceberam isso a dezenas de séculos. Também as sociedades pré-coloniais da África. Também as sociedades indígenas da América do sul.

As formas culturais contém energias e não matérias cristalizadas. Energias são forças. Forças são a possibilidade das ações, das atitudes. Por isso o poder é o exercício da força. A força só é limitada pela forma. A forma e a força não se dissociam. A força é o de dentro da forma. A forma o de fora da força. A energia se dissipa no espaço. O espaço não é vazio. Apesar do espaço ser um conceito, esse conceito existe porque há a possibilidade/ condição desse conceito existir. O espaço é um construto simbólico mediado por signos. Os signos fazem a mediação entre as forças e as coisas. As coisas são signos. A força é signo. A forma é o invólucro do signo. Por exemplo, a forma jêje está baseada no princípio da ancestralidade e no solo. Na terra esta a forma do jêje. Nada fora da terra pode ser entendido. Essa forma cultural pode ser alterada. Ela é construída. No entanto, é em seu interior que qualquer alteração pode ser dada. A forma não é propriamente um signo. Ela é a condição para o signo. Pode ser significada, mas extrapola o signo, porque lhe dá a condição de existência. A existência não é tudo. A forma também não. A possibilidade está aquém e além do ser. A possibilidade é a matéria do devir. O devir é o quanta e não a matéria organizada. A matéria organizada é a territorialização da molécula. A desterritorialização é a potência. Só há potência se há energia. A energia é força. A força é a mãe da possibilidade.

*Eduardo Oliveira é filósofo e doutorando em Educação pela UFCE.

Rousseau, Freire e a liberdade

*Sandro de Castro Pitano**

INTRODUÇÃO

No presente artigo, pretendo desenvolver uma reflexão acerca das propostas pedagógicas de Jean-Jacques Rousseau e Paulo Freire, especificamente quanto à categoria liberdade. Parto da idéia que ambos tem em comum a preocupação com o resgate do "humanismo do homem", individualmente, como pessoa, e coletivamente, como sociedade. Outrossim, é possível perceber que ambos objetivaram alcançar a igualdade civil entre os indivíduos, promovendo a cidadania e o respeito às diferenças, resgatando, através da educação, importantes princípios morais como a solidariedade e a tolerância, sem os quais não pode haver liberdade de fato. Dessa forma, a reflexão ora proposta surge como mais um estímulo à esperança de alcançar um mundo mais justo, ao dialogar com dois pensadores que jamais a perderam e que nunca se dobraram ao fatalismo dos novos tempos.

Com efeito, para que seja alcançada a justiça social, é preciso acreditar na sua possibilidade e, assim como Freire e Rousseau, lutar por ela com comprometimento de causa, com sonho e utopia, com ação e reação. Acredito que todo este comprometimento, de todos aqueles que o possuem, passe pela prática de uma educação libertadora, comprometida com o homem, com o "ser humano", que sirva como um caminho ao vir a ser e que possibilite ao cidadão escolher a sua própria trajetória de vida.

REFLETINDO A PARTIR DE FREIRE

Assim como Rousseau, desde a infância Freire identificou-se com os oprimidos¹, dedicando sua vida de educador para promover a consciência de classe, ou seja, que o homem, consciente de sua situação de explorado alcance o pleno entendimento do seu

contexto, desenvolvendo a vontade de superar essa exploração. Freire desenvolveu, a partir das reflexões sobre a realidade, um conjunto de princípios político-pedagógicos, indicotomizáveis, como a própria equação homem-mundo, onde política e educação se interligam, não como meio e fim, mas como peças de uma mesma estrutura, funcionando para atingir o fim comum a todos os seres humanos: o ser mais.

No pensamento freireano, este é o significado da educação: possibilitar ao homem alcançar o significado de sua existência, intervir no mundo como sujeito, afirmando sua liberdade, conjunto de possibilidades que o homem tem para cumprir sua vocação de ser mais. Assim, a liberdade é "processo"², "algo indispensável e necessário"³, uma aventura desafiante "porque temos de brigar incessantemente"⁴. É poder decidir, escolher, optar, enfim ter autonomia sobre si mesmo em relação com o mundo cultural.

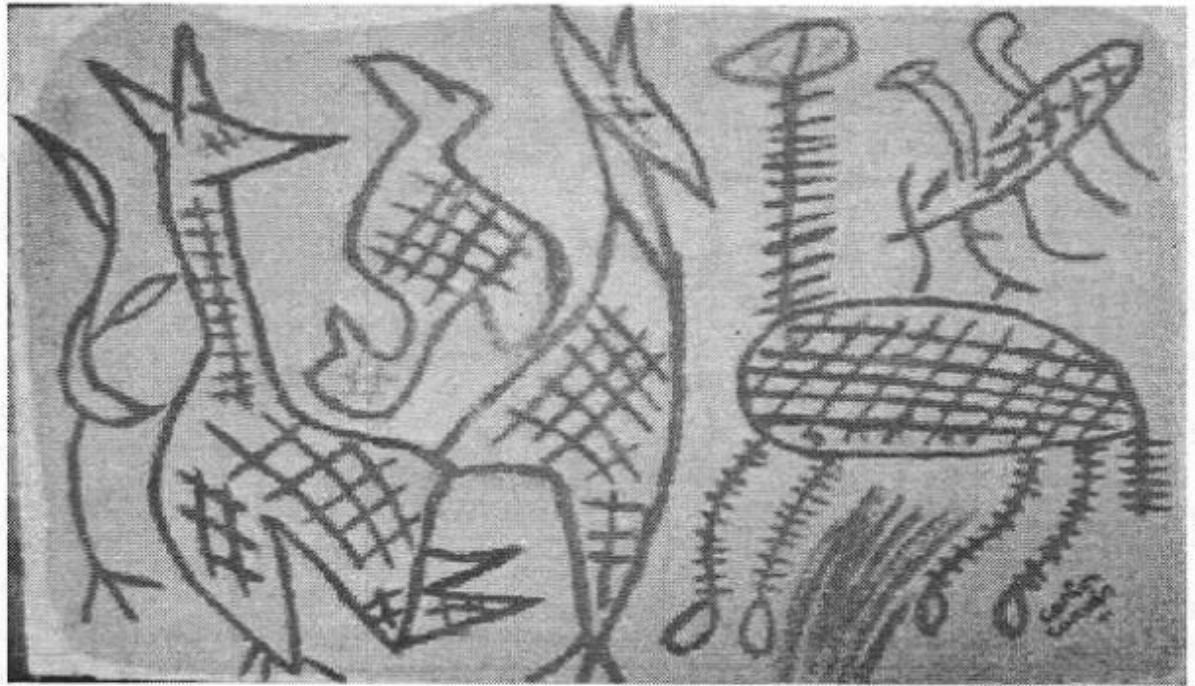
REFLETINDO A PARTIR DE ROUSSEAU

Para Rousseau, liberdade é, considerando somente o homem na sociedade, antes de tudo, fruto da igualdade garantida pela vontade geral, emanção maior de todas as vontades e que se transforma em lei. Sua concepção difere da liberdade dos iluministas, que resultou em uma deturpação da liberdade verdadeira ao instituir privilégios, baseados principalmente no poder econômico de poucos. Dessa forma, Rousseau não considera livre aquele que age arbitrariamente, pois, se assim portar-

se, certamente estará, em determinadas situações, desrespeitando e desacatando a autonomia de seus semelhantes. Portanto, a liberdade se efetiva dialeticamente no ato de dar e receber respeito mutuamente entre todos os cidadãos, que devem situar-se numa posição de igualdade perante as leis vigentes, sem a qual jamais existiria de fato.

Nunca acreditei que a liberdade do homem consistisse em fazer o que quer, mas sim em nunca fazer o que não quer, é essa liberdade que sempre reclamei, que muitas vezes conservei e pela qual provoquei o maior escândalo entre meus contemporâneos (Rousseau, 1986, p. 88).

No pensamento de Rousseau é como se o homem devesse passar por uma mudança dialética de sua natureza primitiva, alcançando um outro estágio, uma segunda natureza, que alguns princípios como consciência, autonomia, tolerância e liberdade são essenciais ao bem viver coletivo, já que, para escolher sua própria lei⁵, é preciso que os então cidadãos tenham todos construído uma certa autonomia, uma liberdade de consciência. Portanto, é através da educação para todos, pública e de qualidade, formando o homem e o cidadão, que o estado se constrói. Outrossim, é por esta mesma via que ele se mantém sólido como garantia maior da liberdade coletiva de seus membros: "uma das máximas fundamentais do governo popular ou legítimo é a educação pública"⁶, onde a cooperação será a máxima fundamental, proporcionando, caso "as crianças forem educadas em comum sob o princípio da igualdade"⁷ a formação de plenos cidadãos, que "um dia se tornarão os defensores e os pais da pátria, da qual foram por muito tempo os filhos"⁸. Outrossim, é possível observar que a salvação do homem, mesmo pela via política, através do Contrato Social, jamais abre mão da salvação individual, que é a educação, embora coletivizada pela educação pública e igualitária, oferecida pelo estado. É a política e a educação, unidas em prol da felicidade humana.



Carlos Castro Cruz

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Rousseau e Freire, repudiam a miséria frente à opulência, opressores e oprimidos, desigualdades que levam o homem a ser objeto e negar sua natureza. Modificar a desigualdade instituída libertando os oprimidos é uma questão que em ambos passa pela ordem político-pedagógica.

Portanto, acreditando que "o homem é bom por natureza", e, ao mesmo tempo, é "um ser de possibilidades, que está em constante vir-a-ser", faz-se cada vez mais necessário percorrer os caminhos apontados por Rousseau e Freire, diferentes, mas não antagônicos, no intuito de compreender melhor a educação face à negação da liberdade, suas possibilidades, sua força e fraqueza. Se a sociedade livre é um sonho, é necessário continuar sonhando, assim como eles sonharam e certamente muito contribuiram para que o mesmo se torne, quem sabe um dia, realidade.

¹ "A minha rebeldia contra toda espécie de discriminação, da mais explícita e gritante à mais sub-reptícia e hipócrita, não menos ofensiva e imoral, me acompanha desde minha infância. Desde a mais tenra idade que reajo, quase instintivamente, contra toda palavra, todo gesto, todo sinal, de discriminação racial. Como também contra os pobres que, bem mais tarde, se definia contra a discriminação de classe". (Freire, 2002:145).

² Freire, Paulo.

Professora sim, tia não, p.95.

³ Idem.

⁴ Ibidem.

⁵ A obediência às leis, o que pode parecer paradoxal, como muitas outras afirmações de Rousseau, é fundamental na sua teoria, uma vez

que, sendo estas "estipuladas pelos próprios cidadãos" (Rousseau, 1996:48) estabelecem e garantem a liberdade civil ao povo.

⁶ Rousseau, J-J. Discurso Sobre a Economia Política, p. 41.

⁷ Idem.

⁸ Ibidem.

REFERÊNCIAS

- DENT, N. J. H. *Dicionário Rousseau*. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- _____. *Pedagogia da esperança*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- _____. *Política e educação: ensaios*. São Paulo: Cortez, 2001.
- _____. *Professora sim, tia não*. São Paulo: Olho D'água, 2002.
- HACK, José Lino. *Liberdade e Estado em Rousseau*. (Dissertação de Mestrado) Porto Alegre: IFCH-PUCRS, 1995.
- JORGE, J. Simões. *A ideologia de Paulo Freire*. São Paulo: Loyola, 1979.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade social entre os homens*. Trad. Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- _____. *Discurso sobre a economia política*. Trad. Maria C. Pissarra. Petrópolis: Vozes, 1995.
- _____. *O contrato social*. Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- _____. *Emílio, ou, da educação*. Trad. Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- *Sandro de Castro Pitano é mestrando em Educação pela UFPEL

A Carta da Terra (parte I)

PREÂMBULO

No nosso diverso, mas crescente mundo interdependente, é urgente que nós, os povos da Terra, declaremos nossa responsabilidade uns aos outros, com a grande comunidade da vida e com as gerações futuras. Somos uma só família humana e uma só comunidade terrestre com um destino comum.

A humanidade é parte de um vasto universo evolutivo. A Terra, nosso lar, está viva com uma comunidade de vida única. O bem-estar dos povos e da biosfera depende da preservação do ar limpo, das águas puras, dos solos férteis, uma rica variedade de plantas, animais e ecossistemas. O meio ambiente global com seus recursos finitos é uma preocupação comum primordial para toda humanidade. A proteção da vitalidade, diversidade e beleza da Terra é um dever sagrado.

A comunidade terrestre encontra-se em momento decisivo. Com a ciência e a tecnologia chegaram grandes benefícios, mas também grandes prejuízos. Os padrões dominantes de

produção e consumo estão alterando o clima, degradando o meio ambiente, esgotando os recursos e causando a extinção massiva das espécies. Um aumento dramático da população tem incrementado as pressões sobre os sistemas ecológicos e sobrecarregando os sistemas sociais. A injustiça, a pobreza, a ignorância, a corrupção, o crime, a violência e os conflitos armados aprofundam o sofrimento do mundo. São necessárias mudanças fundamentais nas nossas atitudes, valores e estilos de vida.

A escolha é nossa: cuidar da Terra e uns dos outros, ou participar da destruição e da diversidade da vida.

A medida que se desenvolve uma civilização global, podemos escolher edificar um mundo verdadeiramente democrático, garantindo o cumprimento da lei e os direitos humanos de todas as mulheres, homens, meninas e meninos. Podemos respeitar a integridade de diferentes culturas. Podemos tratar a Terra com respeito, rejeitando a idéia de que a natureza é somente um conjunto de recursos a serem utilizados. Podemos perceber que nossos problemas sociais,

econômicos, ambientais e espirituais encontram-se interligados e cooperar no desenvolvimento de estratégias integradas para solucioná-los. Podemos decidir equilibrar e harmonizar os interesses individuais com o bem comum, a liberdade com a responsabilidade, a diversidade com a unidade, os objetivos a curto prazo com as metas a longo prazo, o progresso econômico com o florescimento dos sistemas ecológicos.

Para realizar estas aspirações, devemos reconhecer que o desenvolvimento humano não se trata unicamente de ter mais, senão também de ser mais. Os desafios que a humanidade está enfrentando só podem ser superados se todas as pessoas adquirirem consciência de sua interdependência global, se identificarem elas mesmas com um mundo mais amplo e decidirem viver de acordo com responsabilidade universal. O espírito de solidariedade humana e de afinidade com toda a vida será fortalecido se vivermos com reverência as fontes de nosso ser, com gratidão pelo presente da vida e com humildade com respeito ao lugar que ocupa o ser humano na ordem mais extensa das coisas.

Tendo refletido sobre estas considerações, reconhecemos a urgente necessidade de uma visão compartilhada de valores básicos que proporcionará o fundamento ético para uma comunidade mundial emergente. Nós, portanto, afirmamos os seguintes princípios para o desenvolvimento sustentável. Comprometemo-nos indivíduos, organizações, empresas de negócios, comunidades e nações a implementar estes princípios inter-relacionados e criar uma sociedade global em apoio ao seu cumprimento.

Juntos, com esperança, comprometemo-nos a:

I. PRINCÍPIOS GERAIS

1. Respeitar a Terra e a vida, reconhecendo a interdependência e o

Carlos Castro Cruz



valor intrínseco de todos os seres; afirmando o respeito à dignidade inerente de toda pessoa e fé no potencial intelectual, ético e espiritual da humanidade.

2. Cuidar a comunidade da vida em toda sua diversidade, aceitando que a responsabilidade para com a Terra é compartilhada por todos; afirmando que esta responsabilidade comum toma diferentes formas para diferentes indivíduos, grupos e nações, dependendo da sua contribuição aos problemas existentes e dos recursos que tenham a disposição.

3. Esforçar-se por esboçar sociedades livres, justas, participativas, sustentáveis e pacíficas, afirmando que a liberdade, o reconhecimento e o poder coadjuvam responsabilidade e necessidade de auto-restrição moral; reconhecendo que as verdadeiras medidas do progresso são um nível decente de vida para todos e a qualidade das relações entre as pessoas e com a natureza.

4. Garantir a abundância e a beleza da Terra para as gerações atuais e futuras, aceitando o desafio perante cada geração de conservar, melhorar e ampliar sua herança natural e cultural, e transmiti-la a salvo às gerações futuras; reconhecendo que os benefícios e responsabilidades sobre o cuidado da Terra devem ser justamente compartilhados entre as atuais e futuras gerações.

II. INTEGRIDADE ECOLÓGICA

5. Proteger e restaurar a integridade dos sistemas ecológicos da Terra, com especial preocupação pela diversidade biológica e pelos processos naturais que sustentam e renovam a vida.

Fazer com que a conservação ecológica seja parte integral de toda planificação e implementação do desenvolvimento;

Estabelecer reservas naturais e da biosfera representativas e viáveis, incluindo terras silvestres que sejam suficientes para manter a diversidade biológica da Terra e os sistemas que

sustentam a vida;

Administrar a extração de recursos renováveis como alimentos, água e madeira, de tal forma que não danifique a capacidade de recuperação e produtividade dos sistemas ecológicos ou ameace a viabilidade das espécies individuais;

Promover a recuperação de espécies e populações em perigo através da conservação *in situ*, incluindo a proteção e a restauração de seus habitats;

Tomar todas as medidas razoáveis para prevenir a introdução de espécies alheias ao ambiente por intermédio humano.

6. Prevenir o dano ao ambiente, como o melhor método de proteção ecológica, e, quando o conhecimento for limitado, tomar a senda da prudência,

Dar especial atenção, dentro do processo de tomadas de decisões, às conseqüências acumulativas, de longo prazo e globais resultantes das ações individuais e locais;

Impedir as atividades que ameacem o meio ambiente com danos irreversíveis ou sérios, ainda que a informação científica seja incompleta ou inconclusa;

Estabelecer normas de proteção ambiental e sistemas de monitoração que tenham a capacidade de detectar impactos humanos significativos no ambiente e fazer obrigatórias as avaliações e os relatórios de impacto ambiental;

Exigir que quem contamina seja responsabilizado e arque com os custos totais relativos à reparação dos danos causados;

Garantir que as medidas tomadas com o fim de prevenir ou controlar os desastres naturais, infestações e doenças sejam dirigidas às causas pertinentes e evitar efeitos nocivos secundário;

Fortalecer a obrigação internacional dos Estados de tomar todas as medidas de precaução razoáveis para prevenir os danos ambientais transfronteiriços.

7. Tratar todos os seres vivos com compaixão e protegê-los de crueldade e de destruição desnecessária.

O pensamento reflexivo na educação

Adrianna Ressurreição*

Ao pensarmos no século XXI, faz-se necessário olharmos para a educação e o processo de formação de educadores. Como se vê, muda a sociedade, avança a economia, a era da informação aflora-se. Dessa forma, a educação precisa desencadear uma nova caminhada. Para que tal proposta se concretize, é necessário então começar pela formação dos novos educadores.

Partindo do pressuposto de que a Filosofia é uma reflexão sobre os problemas que a realidade apresenta (SAVIANI, 1996), é preciso então repensar o papel desta Filosofia na formação de educadores. Com isso, a Filosofia pode desempenhar um papel interdisciplinar com as demais disciplinas realizando assim um trabalho integrador onde possa desenvolver nos educadores uma reflexão acerca dos problemas que a realidade educacional proporciona. Logo, a Filosofia tem uma função de interdisciplinaridade, estabelecendo o elo entre as diversas formas do saber e do agir.

No cotidiano das práticas educativas, o que costumamos ver é que na sala de aula, geralmente, o educador se preocupa apenas com sua própria disciplina, ou seja, cada ciência vai se ocupar de um saber específico, ocorrendo, portanto, a fragmentação do saber, o que acaba contribuindo para a formação de seres que agem como "robôs". Como se pode observar, os fenômenos da cultura, da vida se encontram no reino do movimento e todos corremos o risco de ficar estagnados e multilados com esse processo de fragmentação.

A profissão do educador passa por mudanças profundas e é preciso compreendê-las. De toda forma, vale a pena lembrar que o professor hoje não deve ser apenas um profissional que olha para sua própria disciplina. Por isso, é de fundamental importância atentarmos para a questão da formação

desse novo educador. O mundo do trabalho e a sociedade pedem hoje um profissional que pense criativamente e com flexibilidade em condições de inventar e trabalhar em equipe, capaz de encarar o novo e de superar os desafios que surgem a cada dia.

A Educação transcorre a partir de interações diretas e indiretas entre os indivíduos. Por isso, em nossas práticas educativas os laços afetivos entre educador e educando precisam estarem mais estreitos. É preciso reinventar a postura do educador e do educando na sala de aula. Nessa concepção, a sala de aula precisa constituir-se num espaço de convivência, isto é, um lugar de vida, um ambiente acolhedor para assim facilitar e viabilizar uma interação mais afetiva no processo ensino/aprendizagem. Toda aprendizagem precisa ser embasada em um bom relacionamento entre os sujeitos e instrumentos que participam do processo, ou

seja, o educador, o educando e o conteúdo. Com isso, o diálogo, a participação, trabalhos e jogos em grupo etc, contribuem para uma aprendizagem mais significativa. Sem uma interação pessoal estruturado no afeto, ensinar fica sendo apenas mais um processo de invasão da mente que fica alheia com conteúdo que podem até ser de grande importância, porém perdem seus encantos se for passado de forma mecânica, sem motivação alguma da parte do educador. A missão do educador é mais do que ensinar seus alunos a ler e escrever. Sua tarefa é também mostrar os caminhos da vida, seus encantos e suas dificuldades. Com isso, o educador pode levar seu aluno a ver o mundo como um desafio ou simplesmente como um obstáculo difícil de ultrapassar. É necessário, portanto, que o educador busque uma pedagogia renovada, centrada nos sentimento, na criatividade, numa interação dialógica e na reflexão criativa.

Krishnamurti (1989, p.12), pensador indiano, afirma que a "educação não significa, apenas, adquirir conhecimentos, coligir e correlacionar fatos". Ele vai além disso, afirmando que a



Carlos Castro Cruz

educação "é compreender o significado da vida como um todo" e que "compreender a vida é compreender a nós mesmos; este é o princípio e o fim da educação". A educação, portanto, deve contribuir também para a mudança de postura/atitude; deve ajudar a descobrir que uma educação de qualidade contribui para a realização do ser humano. Deve ser vista ainda como um processo que contribui para a formação do cidadãos críticos e conscientes que respeitem o meio em que vivem não para seguir modismos, mas por reconhecerem seus próprios papéis ativos.

Analisando etimologicamente a palavra educação, deriva-se do latim Educere, que significa criar, nutrir, acompanhar. A Filosofia, por sua vez, vem nos fazer refletir além deste significado. Não vê a Educação, apenas como é, mas como deve (ou deveria) ser. Leva-nos, portanto, a considerá-la como atitude que o homem e a mulher

tomam diante da realidade. Tal atitude nos faz constituir uma filosofia de vida, o que supõe a capacidade de organizar e dar sentido as coisas.

Muitos educadores não têm consciência da dimensão filosófica do trabalho de educar. Desse modo, costumamos ainda ver educadores reproduzindo saberes instituídos, andando por caminhos já feitos, assumindo, assim, a função de um simples transmissor de conhecimentos. Cabe então algumas perguntas: Estamos formando homens e mulheres conformistas ou questionadores, seres humanos cristalizados ou dinâmicos?

A Filosofia da Educação, como disciplina nos cursos de formação de professores poderá contribuir para tais reflexões. Na perspectiva de Gadotti(1995), a Filosofia da Educação nos permite uma abordagem dos problemas educativos e pedagógicos de forma reflexiva e crítica, compreendendo a realidade educacional como um todo. É no momento de reflexão como

essa, que o filosofar aflora-se desempenhado assim a tarefa de despertar nos educadores uma postura reflexiva para com a problemática educacional, fazendo-nos compreender que a educação é muito mais que a simples instrução para desempenho das funções sociais tendo em vista, acima de tudo, o sentido e o valor da vida humana.

REFERÊNCIAS

- GADOTTI, Moacir. *Pedagogia de Práxis*. São Paulo: Cortez: Inst. Paulo freire, 1995.
- KRISHNAMURTI, J. *A educação e o significado da vida*. RJ: Cultrix, 1989.
- SAVIANI, Dermeval. *Educação: do senso comum à consciência filosófica*. Campinas, SP: Autores Associados, 1996.

*Adrianna Ressurreição é aluna do curso de Pedagogia da UEFS.

A ideologia no processo educativo

Dayse Lôbo Machado*

Marx (1965) afirma que a consciência humana é sempre social e histórica, isto é, determinada pelas condições concretas de nossa existência. Para ele, ideologia é qualquer formulação teórica das relações sociais que não tenha por base a produção material. Em outras palavras, a ideologia para Marx é resultado da percepção incompleta do funcionamento da sociedade, o que faz com que tomemos como imprescindível uma ordem de coisas que não o é, acreditando ser original uma situação que é um efeito, uma consequência do estado de alienação em que se encontram os indivíduos. Só a consciência é capaz de apreender o que realmente determina a organização social e, a partir daí, de orientar a ação das pessoas.

Isso não significa, porém, que nossas idéias representem a realidade tal como esta é em si mesmo. Se assim fosse, seria incompreensível que os seres humanos, conhecendo as causas da exploração, da dominação, da miséria e da injustiça nada fizessem contra elas. As idéias, historicamente determinadas, têm a peculiaridade de nascer a partir da experiência social direta. A marca da experiência social é oferecer-se como uma explicação da aparência das coisas como se esta fosse a essência das próprias coisas.

A inversão entre causa e efeito, princípio e consequência, condição e condicionado leva à produção de imagens e idéias que pretendem representar a realidade. Para Marx, as imagens formam um conjunto de representações sobre os seres humanos e suas relações, sobre as coisas, sobre o bem e o mal, o justo e o injusto, os bons e os maus costumes, entre outros. Tomadas como idéias, essas imagens ou esse imaginário social constituem a ideologia. Então, entende-se a ideologia como sendo um fenômeno histórico-social decorrente do modo de produção econômico.

A divisão social do trabalho, iniciada na família, prossegue na sociedade e, à medida que esta se torna mais complexa, leva a uma divisão em dois tipos fundamentais de trabalho, definidas por Marx como: o trabalho material de produção de coisas e o trabalho intelectual

de produção de idéias. No início, essa segunda forma de trabalho social é privilégio dos sacerdotes; depois, torna-se função de professores e escritores, artistas e cientistas, pensadores e filósofos.

Os que produzem idéias separam-se dos que produzem coisas, formando um grupo à parte. Pouco a pouco, à medida que vão ficando cada vez mais distantes e separados, os que pensam começam a acreditar que a consciência e o pensamento estão, em si e por si mesmos, separados das coisas materiais, existindo em si e por si mesmos. Passam a acreditar na independência entre a consciência e o mundo material, entre o pensamento e as coisas produzidas socialmente. Surge então, a ideologia como crença na autonomia das idéias e na capacidade de as idéias criarem a realidade.

Para Werneck (1982) o grupo dos que pensam – sacerdotes, professores, artistas, filósofos, cientistas – não nasceu do nada. Nasceu não só da divisão social do trabalho, mas também de uma divisão no interior da classe dos proprietários ou classe dominante de uma sociedade. Como consequência, o grupo pensante (os intelectuais) pensa com as idéias dos dominantes; julga, porém, que tais idéias são verdadeiras em si mesmas e transformam idéias de uma classe social determinada em idéias universais e necessárias, válidas para a sociedade inteira. O fenômeno ideológico tem o poder de transmitir as idéias dominantes para toda a sociedade, através da religião, das artes, da escola, da ciência, da filosofia, dos costumes, das leis e do direito, moldando a consciência de todas as classes sociais e uniformizando o pensamento de todas elas.

A classe dominante e as aliadas a ela, que, como intelectuais, sistematizam as imagens e as idéias sociais desta classe em representações coletivas, gerais e universais. Essas imagens e idéias não exprimem a realidade social, mas representam a aparência social do ponto de vista dos dominantes. São consideradas realidades autônomas que produzem a realidade material ou social. São imagens e idéias postas como

universais abstratos, uma vez que, concretamente, não correspondem à realidade social, dividida em classes sociais antagônicas.

A ideologia torna-se propriamente ideologia quando não aparece sob a forma do mito, da religião e da teologia. Com efeito, nestes, a explicação sobre a origem dos seres humanos, da sociedade e do poder político encontra a causa fora e antes dos próprios humanos e de sua ação, localizando a causa originária nas divindades. A ideologia propriamente dita surge quando, no lugar das divindades, encontramos as idéias: o Homem, a Pátria, a Família, a Escola, o Progresso, a Ciência, o Estado, o Bem, o Justo etc.

Com isso, podemos dizer que a ideologia é um fenômeno moderno, substituindo o papel que, antes dela, tinham os mitos e as teologias. Com a ideologia, a explicação sobre a origem dos homens, da sociedade e da política encontra-se nas ações humanas, entendidas como manifestação da consciência ou das idéias.

Em linhas gerais, a ideologia valoriza arbitrariamente algumas idéias em detrimento de outras, seguindo exclusivamente a perspectiva de seu formulador. Isto explica porquê o uso do termo ideologia é mais frequentemente usado no cenário político, onde as decisões e ações precisam ser sustentadas por argumentos fortes e consistentes.

Para Werneck (1982) a noção de ideologia pode ser entendida também como uma crença em valores específicos de um grupo, valores estes que respondem as questões enfrentadas por esse grupo na sua sobrevivência. As ideologias estão, portanto presentes em todas as sociedades, podendo ou não ser conflituosas. Isto dependerá dos próprios ideais que ela contiver e do contexto social em que ela se encontrar, isto é, de sua interação com valores estabelecidos presentes na sociedade em questão.

A ação educativa, propondo-se a promover o processo de humanização do homem, deve estar ciente dos elementos ideológicos do pensamento. Desta forma essa ação educativa seria o meio pelo qual se faria a passagem do nível ideológico para o nível científico, sem que um

anulasse o outro. Esses dois níveis de pensamento coexistiriam, sendo apenas feito o conhecimento do nível ideológico como um meio para se aceitar o outro e outros modos de pensar.

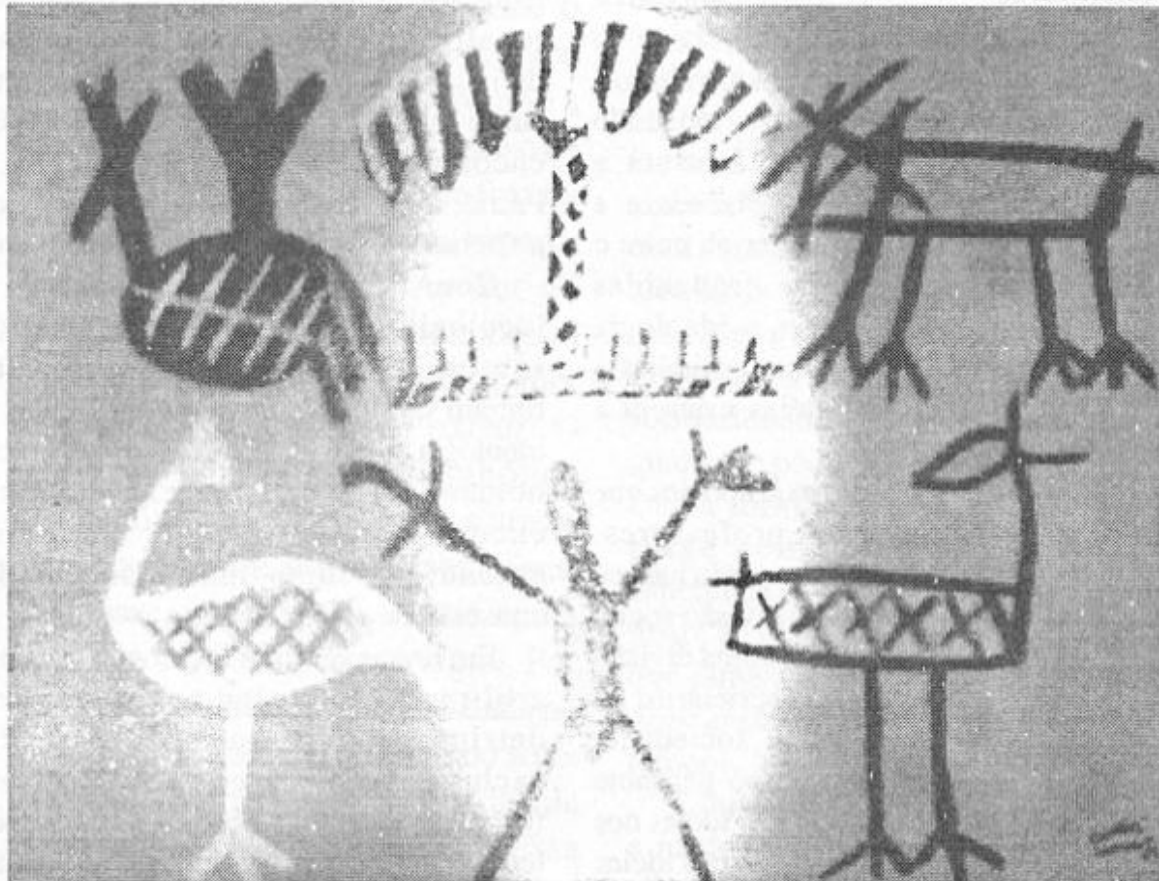
Em se tratando da interferência da ideologia no processo educativo, sabemos hoje, que a questão ideológica e sua relação com a educação é muito mais complexa do que permite uma análise superficial. O ensino desenvolvido por Ferrer com seu racionalismo pedagógico era fundamentalmente ideológico, assim

manipulado para que possa, de fato, tornar-se livre. Este diz ainda que, a aceitação, consciente ou não é a "pedra de toque" que diferencia as propostas de uma pedagogia libertária das pedagogias burguesas que vicejaram também na mesma época, estando presentes entre nós até hoje. As pedagogias de orientação burguesa podem fazer o discurso da "neutralidade" - ou, pelo menos, utilizá-lo como capa -, pois sua intenção, velada ou explícita, é a formação de indivíduos

Ferrer conseguiu estar além de seu tempo, mesmo que de forma inconsciente e não intencional: uma educação libertária precisa formar os indivíduos para que possam ser coletivamente livres, e assim construir uma sociedade aberta para a multiplicidade de singularidades.

Portanto, o processo de aceitação da ideologia pode também transformar-se num processo de ideologização quando, em vez de usar a conscientização como forma de crescimento e de libertação, se transformar num processo de crítica pela crítica, de demolição pela demolição e de imposição de seu ponto de vista como forma de auto-afirmação. Sendo assim, é necessário que haja uma intencionalidade explícita no processo ideológico, seja no sentido da manutenção da sociedade, ou esteja voltada para a sua transformação. Desta forma a ideologia deve ser analisada como um fenômeno característico do processo educativo que se revela sempre em toda manifestação de comunicação humana e de condição social, partindo do pressuposto de que toda educação é, necessariamente, ideológica e que esta interfere diretamente na ação educativa.

Carlos Castro Cruz



como experiências libertárias de educação mais recentes assumem, sem nenhuma vergonha sua característica essencialmente ideológica, embora seja uma ideologia revolucionária voltada para a transformação da sociedade.

Nesta perspectiva, a educação deve respeitar as características individuais do ser humano e organizar-se de modo a possibilitar seu livre desenvolvimento. Qualquer intento de modelar o indivíduo através da educação deve ser recusado, em nome de sua autonomia.

Bakunin (1972) nos diz que, a liberdade não é um dom natural de cada um, mas uma construção histórica só possível coletivamente. Ela deve ser conquistada e construída. O que equivale a dizer que os indivíduos precisam aprender a ser livres. Por mais paradoxal e contraditório que possa parecer, o indivíduo precisa ser modelado,

comprometidos com a manutenção da estrutura social capitalista.

Mas uma escola libertária não pode ser neutra: se os indivíduos estão sujeitos a uma sociedade de exploração e não são livres, é necessária uma opção de se educar para a liberdade, que é também, necessariamente, a superação desta estrutura de dominação.

Assim, se entendemos por ideologia o falseamento intencional da realidade, no conceito marxiano, a escola comprometida com a manutenção da estrutura social é essencialmente ideológica, é parte mesmo do mecanismo de reprodução desta estrutura, enquanto que uma escola voltada para um processo de transformação desta estrutura seria, por sua vez, anti-ideológica ou contra-ideológica, o que no início do século poderia ser chamada de científica ou de racional, como queria Ferrer (1967).

REFERÊNCIAS

- BAKUNIN, M. *História da Filosofia, Idéias, Doutrinas*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1972.
- BUZZI, Arcângelo R. *Introdução ao pensar: O ser, o conhecimento, a linguagem*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- CUNHA, Diana A. *As Utopias na Educação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- FERRER, L. *A Neutralidade na Educação Libertária*. São Paulo: Cortez, 1967.
- GADOTTI, Moacir. *Concepção Dialética da Educação: Um estudo introdutório*. São Paulo: Cortez,
- MARX, K. *A Ideologia Alemã*. Rio de Janeiro: Graal, 1965.
- WERNECK, Vera Rudge. *A Ideologia na Educação: Um estudo sobre a interferência da ideologia no processo educativo*. Petrópolis: Vozes, 1982.

*Dayse Lôbo é aluna do curso de Pedagogia da UEFS.

Arte e educação

Jamile França*

O que diferencia o ser humano dos outros animais é a produção cultural. Esta produção é o que caracteriza a racionalidade e dá ao homem a condição privilegiada entre os outros seres vivos. Read (1982) diz que “na verdade, o homem é o único animal que deixa registros atrás de si”. Tais registros, sob forma de signos e símbolos, expressam sua trajetória dialética; sua evolução como espécie, percebendo a relação da significação.

A arte é uma tentativa de concretizar, em formas, o mundo dinâmico do “sentir” humano Duarte Jr. (1991). Através dela são manifestados sentimentos, desejos, idéias, enfim, todo o subjetivo da alma humana. Por meio da arte o que há de mais profundo no ser humano é exposto ao mundo. Na verdade, o que o mundo fornece a ele é devolvido por este carregado de significações próprias. Pode-se então dizer que arte é o produto da interação entre homem e meio. É uma verdadeira expressão da essência do ser. Segundo Araújo (2001, p. 38) “A arte caracteriza-se pela presença imprescindível dos sentimentos, emoções e desejos viscerais; pela manifestação da intuição, daquilo que vem de dentro, do mais profundo do ser; pela expressão da imaginação criante adubada pela fantasia, pelo sonho, pelo imaginário mitopoético; pela espiritualidade ao penetrar nos desvãos da alma e do sopro sutil que anima o ser; pela consciência compreensiva em que uma razão alargada conduz a compreensões mais abertas, crítico-criadoras e transversais”.

Desde o início da história da humanidade a arte esteve presente em praticamente todas as formações culturais. Mas, a área que trata da educação escolar em artes tem um percurso recente e coincide com as transformações educacionais que caracterizaram o século XX em várias partes do mundo PCNs (1997).

De acordo com os PCNs (1997), através de pesquisas desenvolvidas em vários campos das ciências humanas, dados importantes foram coletados sobre o processo criador das crianças, ressaltando a questão da arte da criança como manifestação espontânea e auto-expressiva, e tendo a experimentação

artística como proposta de mediação no processo de desenvolvimento do educando.

A educação tem o propósito de desenvolver a integração entre individualidade e coletividade e a arte pode e deve ser encarada como nesta relação, favorecendo a interação.

De acordo com Read (1982) “a arte é a ciência que representa e explica a realidade e a educação é definida como cultivo de modos de expressão desta explicação”. Assim sendo, todo o processo educativo está ligado aos processos artísticos, não podendo estes, no âmbito escolar, serem relegados a um simples passatempo entre uma disciplina e outra, ditas de maior relevância.

A atividade criativa é inerente ao ser humano. Já na infância interagimos com as manifestações culturais presentes no grupo social ao qual fazemos parte e, aos poucos vamos apreendendo nossas maneiras de ver, julgar e assim moldando o nosso gosto, demonstrando nossas preferências e fazendo também nossas próprias manifestações. Através da percepção, ressignificamos e criamos o novo.

Ferraz (1999) diz que, quanto ao processo educacional em arte, precisamos verificar quais as práticas artísticas e estéticas existentes em nossa vida contemporânea que queremos conservar ou mudar e porquê. Isso significa que precisamos assumir práticas de uma educação séria, comprometida e a arte-educação pode ser utilizada como âncora nos dando suporte em meio a um sistema educativo tão mercadológico, tecnicista, capitalista e linear, onde os valores humanos são esquecidos, onde o ser humano é tratado como produto descartável. O propósito aqui não é pregar a arte como solução dos problemas educacionais, mas sim como uma alternativa possível a favor de uma educação que permita maior sensibilidade e mais entendimento com e

para o mundo em que vivemos.

O ato de conhecer é uma peça principal no processo educativo. E como se dá o conhecimento? Dá-se justamente através da decodificação a compreensão de símbolos e signos. A arte nada mais é do que o conhecimento simbolizado, e, a partir dela está implícito um conjunto de expressões, percepções, fantasias, representações.

A utilização da arte na escola possibilita ao educador uma interação com a subjetividade do educando, o professor (que também precisa de uma formação embasada artisticamente) terá conhecimento de como o aluno percebe o mundo à sua volta, quais as relações que ele faz na interação com o outro. A arte desperta o imaginário, traduz e recria o real, promove a troca de informações entre culturas, gera conhecimento, produz o desenvolvimento, além de fortalecer a sensibilidade estética e



Carlos Castro Cruz

aprimorar as habilidades perceptivas, analíticas e crítica dos educandos, preparando-os para o mundo social e cultural.

Educar não é apenas transmitir significados distantes da realidade. A reprodução cultural é importante, mas ela precisa partir da vivência. Cada contexto social é marcado por seu código próprio e a educação vem para promover a interação entre essas individualidades.

A arte, através do contato direto com os sentimentos propicia esta ligação, e na sala de aula, o mundo do professor necessita do contato com o mundo do

aluno e vice-versa. A troca de saberes tem papel fundamental na resolução das questões inerentes ao âmbito escolar.

A Arte-Educação defende e promove a harmonia entre razão e emoção, entre o sentir e o pensar. No processo ensino-aprendizagem a arte tem um papel fundamental, pois já que ela é reflexão e expressão do que é o homem, este em tal construção jamais poderá dissociar-se daquilo que se constitui num elemento pedagógico importantíssimo para o seu crescimento.

É necessário um olhar crítico-reflexivo sobre a utilização da arte no meio educativo. A arte é muito mais do que um simples "passatempo" entre as disciplinas ditas mais relevantes. Sua presença na escola precisa ser repensada. A arte é uma poderosa aliada e tem muito a contribuir com o processo educativo, inclusive como fator de inclusão, pois proporciona a expressão dos sentimentos, a troca, a integração. O ato de ensinar e aprender precisa ser atraente, sedutor, cativante para que o crescimento possa fluir. A arte é estimulante e quando se desperta para o gosto por conhecer a aprendizagem torna-se muito mais prazerosa e significativa.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Miguel A. Lima de. Os sentidos da arte: coexistência entre arte e educação. In: *Cadernos de Educação*. Ano 3 n. 4; jan./jun.; 2001. Feira de Santana.

DUARTE JR., João-Francisco. *Fundamentos estéticos da educação*. 2ª ed. Campinas, SP: Papiros, 1998.

DUARTE JR., João-Francisco. *Por que arte-educação?* 6ª ed.- Campinas: Papiros, 1991

FERRAZ, Maria Heloísa Corrêa Toledo. *Metodologia do Ensino de Arte*. 2ª ed. - São Paulo: Cortez, 1999.

LINHARES, Ângela Maria Bessa. *O tortuoso e doce caminho da sensibilidade: um estudo sobre arte e educação*. - Ijuí: editora UNIJUÍ, 1999

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: ARTE/ Secretaria de Ensino Fundamental. - Brasília: MEC/ SEF, 1997.

READ, Herbert. *A educação pela Arte*. São Paulo: Martins Fontes, s. d.

*Jamile França é estudante de Pedagogia da UEFS.

Poemas

Palavras

A minha alma inquieta
é composta de sim
e de não

Cada lágrima reflete
meu mundo

E cada sorriso
revela meu mistério

O meu olhar fita o finito
e sobrevive ao passado

Meus pés pisam
em terra de azulejo
e flutuo
em uma névoa de palavras

Palavras ditas, contidas,
sentidas, ouvidas, desmentidas...

Jogadas ao vento
e trazidas pela solidão
do nosso próprio existir.

Adriana Pardo

Sertania

Nos murmúrios silentes
das águas grandes do cocorobó
a poesia singela do entardecer
derrama chamuscas crepusculares.

A estampa da aquarela escarlate
anuncia o remanso da noite
entre as brumas turvas das núvens
e a magnitude da aurora estelar.

Proezas de um grande sertão
tão vasto de horizontes sem fim
ermos tortos de rimas agrídoces
canto ingente, saga de sertania.

Miguel Almir



Jamile França

Chão

Sob o verde
pesa o chão.
Negro, manto repleto,
repele a cor
que vem do céu.

É daí
que vem a criação,
o criador inspira,
respira, mas
é dos pés que
nasce o amor.

Inevitável assombro,
o escombro
rompe a superfície:
a raiz ruge
e aflora.

É aqui
que se processa
o poema,
entre vozes
e luzes;
entre o lodo
e o rio.

Sebastião Marques

Leitura e linguagem: prazer em conhecer

Ler: verbo transitivo direto
Diz a gramática culta
Mas ao depararmos com a leitura
Lendo, relendo de certo
Nem sempre percebemos, à altura
Os segredos, contudo, concretos

Leituras sonhadas, amadas ou
impostas
Leituras criadas, caçadas ou
propostas
Tipos de leituras que discorrem de um
ser
Lendo letras, figuras ou paisagens
Sendo homens ou miragens
Lemos o que lemos a conhecer

Não percebo, de certo
Alguns segredos, contudo, concretos
Percebe-se o ato de ler como
exclusivo
Cada um lê com e para seu mundo
Cada mundo, um mundo único
Construído pelo ato, ativo

Ao analisarmos o ato de ler
Com sensibilidade podemos perceber
Muitos direitos que possui o leitor
O direito de reler, pular páginas
Ou simplesmente não ler
Mas, deste ato, sempre algo ele irá
trazer

Os deveres do leitor
É transmitir, reconstruir, criar
Mas, se não lê
Como fazer?
Nada disso é possível
Sem, no fazer, ter o prazer

E o prazer, de onde vem?
Ele pode e deve ser construído
também
Através do autoconhecimento
Na busca do crescimento
É preciso o aprofundamento
Do interpessoal desenvolvimento

A linguagem com sua diversidade
Nos proporciona na relação
interpessoal

Uma inevitável e gostosa
oportunidade
Podemos em sociedade
Transformar o que possuímos, a
unidade
Em novos conhecimentos, a
multiplicidade

Talvez lendo
Lendo leituras sonhadas, amadas,
impostas
Lendo letras, figuras ou paisagens
Talvez lendo a conhecer
Descobre-se os segredos concretos
Desenvolve o simples ato de ler em
prazer.

Caroline Prates

homem-ruína

há um homem talhado.
uma mulher esculpida

o homem retalhado ama seus
retalhos.
a mulher o quis polir – ele não quis.
a mulher o quis tentar.

a mão ali: martelo.
o ser ali: formão.
ao som de estalos voga o tempo.

a noite vocifera
e o homem que vem surgindo
é fruto das ruínas dele.
o ar que tine é o mesmo.

a mulher, diamante em pepita;
o homem: precipitação vulcânica.

ele próprio quis polir-se
fazendo-se frondoso, de amargo
fruto.
mostrando-se narciso, a flor (não o
mito).

mas ao querer (de estátua) ser
estático
compondo do imperfeito uma
escultura...
povinho ao vento,
espalha-se.

Moacir Eduão

Lírica à Amizade

Deixo aqui gravado...
Uma lírica à Amizade
E dedicada a quem não perdeu a
sensibilidade
De ousar ser...
Ser verdadeiramente amigo
Por compreender o grande princípio
Ser é superlativo a ter.

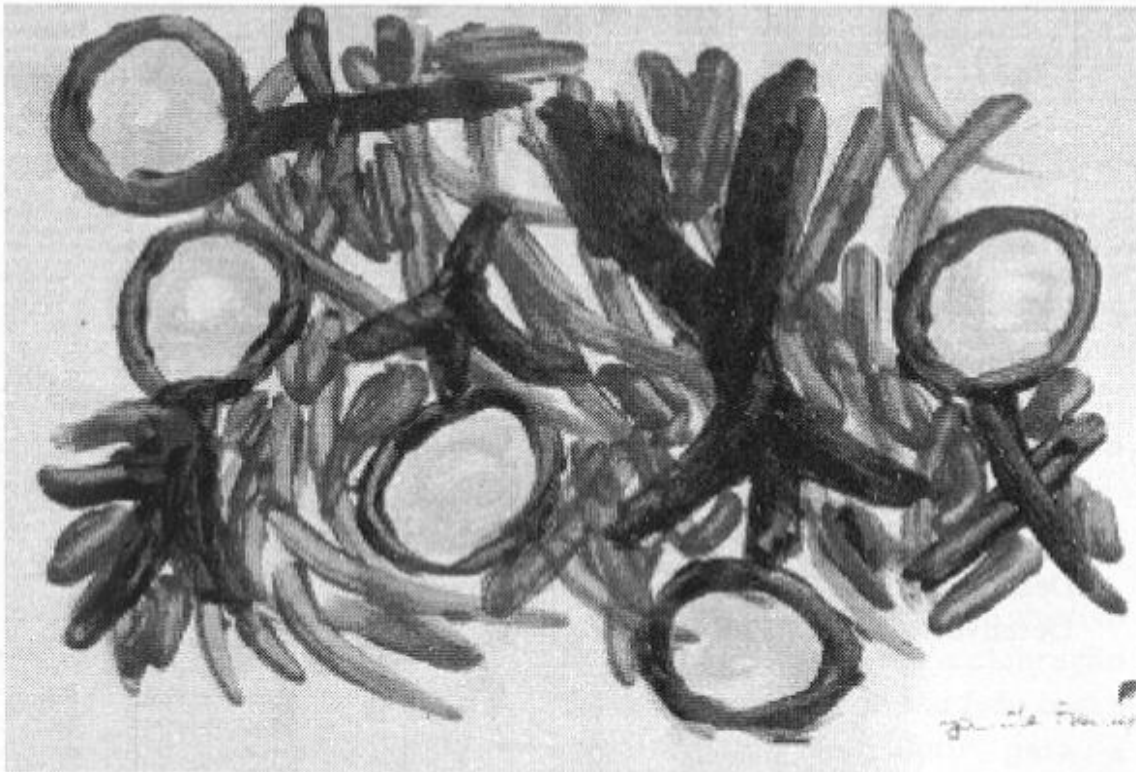
É dedicada a quem a virtude
De transmentalizar coração-mente
Fez-se eterno o sol nascer
A irradiar boas vibrações de
sublimidade
A transmitir magnetismo catártico de
sua aura luminescente
A criar – cada amanhecer – um novo
sonho
A abrir a imaginação alada para a
ventura da alegria de viver.

Se pudesse essas palavras
ascendentes
Magicamente
Serem transmutadas em flores
A fragrância de minha amizade
Ficaria eternizada em suas mãos
delicadas.

Se pudesse ser artista das palavras
Cada grafema do amical poema
Lapidaria, meticulosamente, com
afeição
Até atingir o reflexo diáfano da
perfeição.

Assim, se pudesse essa folha de
gravação
Ser transmutada – as suas mãos
ternas – seguraria meu coração.

Nelson Castro
(Manaus)



Jamilé França

A Alma do Povo

O Brasil para ser independente
É preciso ter bem mais consciência
A cultura é como a ciência
Dá valor e desenvolve nossa gente
Nosso povo é muito inteligente
Mas precisa se fazer respeitar
Muita gente prefere escutar
As coisas que vem do estrangeiro
O folclore e a cultura popular
São a alma do povo brasileiro

Brasileiro é um cabra diferente
Bom de bola de farra e de trabalho
Prefere andar sempre pelo atalho
É o rei o jeitinho é exigente
Sabe bem muito mais que o presidente
Quando o assunto for economizar
Nunca ouvi falar de outro lugar
Onde o povo é feliz bom e festeiro
O folclore e a cultura popular
São a alma do povo brasileiro

O nordeste é a terra do repente
No norte de Minas tem calango
Por todo o Brasil tem o fandango
É a dança é o canto envolvente
Cavallhada é uma festa diferente
Das vaquejadas vaqueiros boi-bumbá
Martelos galopes beira-mar
O Brasil é bonito por inteiro
O folclore e a cultura popular
São a alma do povo brasileiro

O tambor da congada é comovente
Faz o meu coração bater mais forte
É o negro levando seu suporte

Seu ponto de apoio inteligente
O canto é a força dessa gente
Relembrando o mal de escravizar
Quem sofreu e viveu esse penar
Hoje é rei do congado é congadeiro
O folclore e a cultura popular
São a alma do povo brasileiro

Deus menino nasceu no oriente
Três reis vieram pra visitar
Uma estrela surgiu pra lhes guiar
Cada um trouxe amor e seu presente
O Natal é um dia reluzente
Dia de Reis também tem o seu lugar
É um dia de festa e de cantar
Tem café e biscoito para os reiseiros
O folclore e a cultura popular
São a alma do povo brasileiro

Tem folguedo que desde antigamente
Desperta no povo a união
Quadrilha na noite de São João
Quermesse promessa penitente
Quem confia espera mais contente
Com seu santo devoto a devotar
Vai pra festa rezar e festejar
Abraçar seus irmãos e companheiros
O folclore e a cultura popular
São a alma do povo brasileiro

O folclore é rico e atraente
Caboclinho marujada catopê
A catira é também cateretê
Nosso ritmo não tem concorrente
O samba reúne muita gente
O frevo e forró são pra dançar
Capoeira é uma dança de lutar
A rancheira é do povo pantaneiro

folclore e a cultura popular
São a alma do povo brasileiro

Acalantos parlendas tão presentes
Na vida de todos as crianças
Os cantos as rodas e as danças
Ensinam viver mais docemente
A cultura do povo é resistente
Essa força ninguém pode negar
É o brinquedo é o brincante é o brincar
A cantiga e a cultura popular
São a alma do povo brasileiro

Quem conhece respeita está ciente
Das advinhas credices e ditados
As lendas os bichos encantados
Encantam o subconsciente
O que mexe e remexe nossa mente
É segredo é mistério de encantar
É o saber que o povo sabe ensinar
É o doutor escutando o raizeiro
O folclore e a cultura popular
São a alma do povo brasileiro

O artesanato é atraente
GTO e o mestre Vitalino
O Vale nesse ponto é muito fino
Encanta o olhar e nossa mente
A arte é uma linda semente
Boa de plantar e cultivar
É a mão do irmão que sabe amar
As carrancas do velho barranqueiro
O folclore e a cultura popular
São a alma do povo brasileiro

O folclore é como o sol nascente
Que vem todo dia clarear
Alegrando o povo do lugar é a festa
O fazer é o presente
Movimento bonito e crescente
De quem está no batente a trabalhar
Depois vai pra o batuque batucar
Tocador dançador e seresteiro
O folclore e a cultura popular
São a alma do povo brasileiro

A cultura do povo é uma lente
Ampliando toda sabedoria
Difícil entrar nas academias
Mas está por todo o continente
Escola de todo ser vivente
É o saber que essa vida tem pra dar
Quem souber escutar e observar
Vai sentir que esse canto é verdadeiro
O folclore e a cultura popular
São a alma do povo brasileiro.

Rubinho do Vale